

★
NOVEMBRO



1981



A LUTA CONTINUA



BOLETIM INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE PORTUGAL ★ REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA
RUA PORTAS SANTO ANTÃO · 117-2º ★ LISBOA ★ TELEFONE 369777 ★



RACISTAS FORA DE
ANGOLA

AJUDEMOS À RECONSTRUÇÃO DO SUL DE ANGOLA

SUMÁRIO



RACISTAS FORA DE ANGOLA	3
EDITORIAL	4e5
HOMENAGEM A AGOSTINHO NETO	6
POESIA ANGOLANA	7
ANTREVISTA COM JOSÉ VITORIANO	8e9
CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE	10e11
A AGRESSÃO RACISTA - TESTEMUNHOS	12e13
A INVASÃO DE ANGOLA PASSOU POR LISBOA	14e15



**Associação de Amizade
Portugal - R.P. Angola**

Junto à Embaixada Racista da África do Sul em Lisboa, realizou-se no passado dia 11 de Setembro uma concentração de protesto contra a invasão das tropas racistas ao sul de Angola. A palavra de ordem "Racistas fora de Angola", encheu o fim da tarde em Lisboa. Esta concentração convocada pela Associação de Amizade Portugal-Angola (APA) e apoiada por muitas outras organizações teve como objectivo repudiar a invasão Sul Africana do Território de Angola, exigindo a retirada imediata e incondicional dos racistas, testemunhando a solidariedade do povo em Lisboa para com o povo Angolano.

Usaram da palavra, no decorrer da Concentração Daniel de Matos, Presidente da APA, Silas Cerqueira membro do Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC) e Domingos Lopes, vice-presidente da APA.

Silas Cerqueira, falando de improviso, declarou:

"Existe um plano deliberado e sistemático dos racistas Sul-Africanos, apoiados pela política agressiva da administração Reagan, dos E.U.A., no sentido de separar uma parte do território angolano"

Diria a seguir: "Os EUA estão dispostos a arriscar-se numa guerra generalizada".

"Nem mais uma arma para a África do Sul ou para o grupo fantoche da Unita" gritou o representante do CPPC.

Na Embaixada Racista foram entregues ao princípio da tarde do mesmo dia listas com aproximadamente 10.000 assinaturas de repúdio pela invasão, que foram recolhidas em menos de uma semana.

RACISTAS FORA DE ANGOLA



SEIS ANOS

EDITORIAL

DE INDEPENDÊNCIA, SEIS ANOS DE ÁRDUAS LUTAS



Os ponteiros da História acabam de marcar o 6º aniversário da independência da RPA. E se se pode dizer que é curta a estrada trilhada na consolidação da independência e na construção da nova sociedade angolana, liberta da exploração do homem pelo homem, igualmente se pode dizer que longas e duras têm sido as batalhas na luta contra o imperialismo, o neo-colonialismo e a reacção.

6 anos para enfrentar e tentar ultrapassar as sequelas de séculos de colonialismo que para além de deixar cerca de 90% de analfabetos provocou a fuga de importantíssimos meios humanos e a destruição e fuga de bens materiais.

Angola ficou literalmente sem quadros e, em parte, destruída pela 2ª guerra de libertação contra os invasores sul-africanos e zaiotas.

Enfrentou ainda as acções criminosas dos esquerdistas e fraccionistas.

Juntemos a tudo isto a guerra não declarada da RSA à RPA. Depois da tomada de posse do Presidente Reagan, diariamente os racistas sul africanos desencadeiam acções militares contra a RPA. Em 23 de Agosto último, dezenas e dezenas de milhares de soldados do odioso regime racista, invadiram em larga escala a RPA. Tal invasão constituiu e constitui uma escalada sem precedentes contra a RPA. O Sul de Angola foi ocupado militarmente pelos racistas. Os racistas semearam a destruição e a morte, lá onde chegaram, o espelho da sua concepção do direito e da convivência internacional. É neste contexto que se comemora o 6º aniversário da RPA. A invasão ameaça a paz na região e no mundo. Insere-se na política de agravamento da situação internacional levada a cabo pela nova administração norte americana.

Em Portugal as comemorações devem servir de incentivo a todos os patriotas, a todos os democratas, a todas as pessoas de paz e de bem na acção de alongar a condenação da criminosa invasão militar sul africana na luta pela retirada incondicional de todas as tropas sul africanas do território livre e soberano da RPA, na dinamização da Campanha de Solidariedade material para com a RPA. Esta Campanha para além da APA conta já com o apoio do Movimento Português contra o Apartheid, CGTP-Intersindical Nacional, Conselho Português para a Paz e Cooperação, numerosas organizações estudantis, Movimento Democrático de Mulheres e de personalidades de todos os Grupos Parlamentares, salvo do PPM, Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral e de muitas personalidades da vida política e social nacional. A ela se podem juntar as organizações que assim o entenderem. Ela está aberta a todas as portuguesas e portugueses que por este meio queiram contribuir com a sua solidariedade para com o povo irmão angolano. Em Portugal, registámos com muito apreço a condenação unânime de todos os órgãos de soberania. Diante de tão grande crime outra atitude não seria de esperar. Entretanto voltamos a insistir que não se pode compreender que no nosso país encontrem protecção e guarida jurados inimigos do povo irmão angolano e da RPA e, que daqui, continuem a pregar e organizar a luta armada contra aquele jovem país. Quem explica esta política irresponsável? E ainda como se explica a condenação da invasão sul africana pelo governo português logo seguida da venda de armas à África do Sul por intermédio do Lesoto? Será que a explicação se encontrará a milhares de quilómetros de Lisboa, em Washington? A venda de armas à África do Sul é um crime contra toda a população de cor, perseguidos pelos defensores do apartheid, contra todos os antifascistas da África do Sul, contra os povos da África do Sul, da Namíbia e de Angola.

São os Estados Unidos da América com Reagan à cabeça apoiaram a criminoso invasão militar racista de Angola. Porém, é preciso que os que condenaram pressionados pelas circunstâncias e pela opinião pública não furem nas costas as decisões da ONU quanto às sanções a aplicar à RSA. O governo português deve arrepiar caminho nas suas relações com o regime odioso do apartheid. O regime racista põe os dentes de fora porque se sente ameaçado pela luta libertadora do povo namibiano e sul africano e porque encontra apoio na nova administração dos EUA. Após as históricas revoluções angolana e moçambicana e o processo de conquista de independência do Zimbábue, os racistas sentem-se encurralados. As forças da democracia e da liberdade cresceram e desenvolveram-se muito na África Austral.

Os racistas invadem Angola copiando a estratégia de Israel no Líbano no sentido de formar um "tampão" dentro de Angola para ali instalar a UNITA do traidor Jonas Savimbi acompanhada de mercenários para impedir a solidariedade do povo angolano e da RPA à luta do povo namibiano dirigido pela SWAPO. Pretendem os racistas "justificar" tal invasão e tal ocupação com vista a perseguir os guerrilheiros da SWAPO dentro do território angolano. É bom que se esclareça: a RSA ocupa militar e ilegalmente a Namíbia; a SWAPO é reconhecida pela ONU como único e legítimo representante do povo da Namíbia; a RPA actua conformemente as decisões da ONU neste domínio. Os fora da lei são os racistas e os que os apoiam.

A APA como é do conhecimento público entre muitas iniciativas e sessões, convocou em Setembro uma concentração junto da Embaixada da RSA em Lisboa para condenar a invasão e exigir a retirada das tropas sul africanas que contou com uma relevante participação de portugueses. Enquanto se encontrarem tropas racistas em território angolano não nos cansaremos de lutar na trincheira da solidariedade internacional para ajudar a escorraçá-los do território livre e soberano da RPA.

Estamos abertos a sugestões de todos quantos independentemente das suas convicções políticas, ideológicas, religiosas, queiram participar na campanha de solidariedade material ou noutras quaisquer iniciativas que ajudem e contribuam para a retirada das tropas sul africanas de Angola.

Com a solidariedade do povo português e dos povos de todo o Mundo, o povo irmão angolano, dirigido pelo MPLA-Partido do Trabalho escorraçará da sua pátria os racistas sul africanos.



DIA DO HERÓI NACIONAL ANGOLANO

Homenagem a Agostinho Neto

No passado dia 19 de Setembro a APA-Associação de Amizade Portugal-Angola, realizou duas sessões de homenagem a Agostinho Neto, evocando a data do seu nascimento.

Depois das peripécias de todos conhecidas, levadas a efeito pelo ministério da cultura do CDS- Dr. Lucas Pires, foi enfim cedida a sala de Faro, que nos havia sido retirada praticamente em cima da hora.

O Governo recuou, depois de ter interdito a utilização da sala "Argumentando" tratar-se de uma sessão de cariz partidário.

O governo acabou por admitir o que era evidente: uma sessão de homenagem a Agostinho Neto não pode reduzir-se à evocação de "um poeta de expressão portuguesa".

Na Assembleia da República o grupo parlamentar do Partido Comunista, fez ouvir a sua indignação por este acto mesquinho, e mostrou ao Senhor Ministro Lucas Pires, que reduziu a homenagem à evocação da Poesia, seria transformá-la numa ofensa à memória daquela que foi celebrado nas Nações Unidas, considerado como um "cidadão do mundo", que a história recorda como o heróico combatente anticolonial e grande obreiro da fundação do Estado Angolano.

Na Sessão de Faro realizada no Teatro Lethes, a mesa era composta pelo Embaixador da R.P.A. em Lisboa, Camarada Adriano Sebastião, o Presidente da APA-Daniel de Matos, representantes locais do PCP-PS-MDP/CDE-MDM e União dos Sindicatos de Faro.

Na Sessão de Torres Vedras realizada no Club Artístico e Comercial de Torres Vedras era a mesa composta pelo 1º Secretário da Embaixada da R.P.A. em Lisboa, Camarada Roberto Carvalho, pelo membro da Direcção Nacional da APA, César Pombinho Duarte, Rui Fonseca do núcleo da APA de Torres Vedras, um representante do poder local e um representante de União de Sindicatos de Torres Vedras.

Em ambas as sessões foram lidos poemas do Camarada Presidente Agostinho Neto.

O Filme o Caminho das Estrelas, uma homenagem da União de Escritores Angolanos à vida e memória do Camarada Presidente Agostinho Neto, foi passado em Faro, tendo sido passado em Torres Vedras o filme dos funerais do Camarada Presidente "Angola na Hora do Adeus"

Também em Torres Vedras Luis Cília cantou alguns dos poemas que compoem o seu último disco, ainda a editar.

L A A S P

A convite da LAASP-Liga Angolana de Amizade e Solidariedade com os Povos partirão brevemente para a República Popular de Angola e para uma visita de dez dias uma delegação da APA composta por Daniel de Matos e Domingos Lopes, respectivamente, Presidente e Vice Presidente da Direcção Nacional.

Durante esta visita, para além do estreitamento das relações de Amizade e Solidariedade existentes entre a APA e a LAASP, serão tratados assuntos referentes ao reforço da Cooperação entre as duas organizações.

JOFRE

ROCHA

Nasceu no Icolo e Bengo, em 1941. Empregado Bancário. Poeta da resistência, é uma das mais vigilantes e frontais vozes da **Geração de 70**. Livro: **TEMPO DE CICLO** (poemas, 1973).

«Com os limites que ela própria se impôs num determinado falar histórico, social, a poesia de Jofre Rocha recupera a proposta das gerações anteriores»
— **David Mestre** in «Prisma».



O COMBATE

O combate está nas ruas
desde a primeira manhã.

Nossas mãos empunham armas
nossos olhos luzem punhais.

O combate está nas ruas
no troar da fuzilaria
na pergunta dos órfãos
no luto prematuro das viúvas

está em cada face
em cada lar
no escaldante do ar
desde a primeira manhã.

Acessível aos cobardes
o combate está nas ruas!



AS TERRAS SOFRIDAS DE CATETE

Ontem vi
as terras sofridas de Catete.

Vi
o solo dolorosamente ressequido
as crianças de olhár suplicante
as mulheres como múkuas secas
na paisagem parada e agreste.

Eu vi ontem
as terras sofridas de Catete.



PRANTO POR UM CAMARADA

De um sobressalto
rios e lagos se aquietaram
redemoinhos sem espuma se desfizeram
e as cachoeiras puseram termo à sua melodia
a altivez do Kuanza
a altivez de Kuanza
a indocilidade do Kunene
em unísono se fizeram grito dolorido
que se espalhou na distância
no dorso do vento
no cicciar da folhagem
encheu as anharas e os desertos
chorou em cada gruta e em cada vale
devassou o Namibe e a Tundavala
escalou a Chela e Tala-mu-Ngongo
num eco cada vez mais vivo
mais impenetrável
que a todos tolheu com tristeza:
«Morreu Nicolau Spencer!»



POESIA

ENTREVISTA

JOSE VITORIANO

Vice-Presidente

DA

ASSEMBLEIA DA

REPÚBLICA



-QUAL A IMPORTÂNCIA PARA A ÁFRICA DA INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA.

-A independência de Angola constitui no quadro da luta dos povos do continente africano pela libertação do domínio colonial e do imperialismo, um dos acontecimentos mais importantes ocorridos nos últimos anos.

Ela representa uma pesada derrota para o colonialismo e o imperialismo em África, mas cujas consequências transcendem em muito o continente africano. É uma vitória que se insere no conjunto das vitórias das forças do progresso e da independência nacional, da paz e do socialismo.

Fruto da luta revolucionária armada do povo angolano, dirigida pelo MPLA durante mais de uma dúzia de anos contra o colonialismo português; a independência de Angola representou e representa um poderoso reforço da frente de libertação nacional dos povos contra o colonialismo, o imperialismo e a opressão. A independência de Angola é em si mesma uma ajuda valiosa à luta revolucionária dos outros povos africanos ainda submetidos ao jugo do racismo e do imperialismo e que se batem pela liberdade como é o caso presentemente dos povos da África do Sul e da Namíbia e foi o caso ontem do povo do Zimbabwe.

Os povos ainda oprimidos do continente africano, os povos da África do Sul e da Namíbia particularmente, têm no MPLA-PT e no povo angolano, dedicados e leais amigos na sua luta de libertação dos opressores racistas.

Com a vitória do povo de Angola ao conquistar a sua independência, aliado à vitória e independência dos outros povos africanos antes submetidos ao colonialismo português - Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe - deu-se uma profunda alteração na relação de forças em África, particularmente na África austral, favorável às forças da paz, do progresso e da independência nacional. O facto de estes Estados terem escolhido a via do socialismo como sistema económico, social e político a construir dá ainda maior significado a estas vitórias e torna bastante mais duras as derrotas dos Principais inimigos dos povos, o imperialismo, o colonialismo e o racismo.

-QUAL A IMPORTÂNCIA PARA SI, DO DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES ENTRE PORTUGAL E A REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA.

-É para mim - e penso que para todos os verdadeiros democratas portugueses - de uma enorme importância o desenvolvimento em todos os domínios das relações entre Portugal e a RPA quer a nível de Estados, quer a nível de povos. Tais relações são do interesse dos dois povos e dos dois Estados.

Acresce que, o facto de Portugal e Angola terem a mesma língua oficial isso é, para além de um elo importante a ligar os dois povos, um facto favorável ao desenvolvimento das suas relações.

O povo português e o povo angolano estiveram nas últimas décadas, embora em condições diferentes, submetidos a um mesmo opressor e explorador - o regime fascista colonialista de Salazar e Caetano tendo como instrumento de poder a ditadura terruista dos monopólios.

Ambos os povos sofreram e lutaram, nas condições particulares em que cada um se encontrava, contra o inimigo comum o fascismo e o colonialismo. Foi uma luta solidária, luta em que o povo angolano e o povo português se ajudaram reciprocamente, luta que custou imensos sacrifícios traduzidos em milhares de prisões, torturas, mortes, fome, miséria.

Os dois povos lutaram e venceram o mesmo inimigo. O povo português conquistou a liberdade. O povo angolano conquistou a liberdade e a independência nacional - esta, condição daquela.

São pois fortes os laços fraternais que ligam os povos português e angolano, laços que importa reforçar e desenvolver continuamente e que devem ter expressão multiforme, designadamente nos planos da mutua solidariedade, na inter-ajuda, no intercâmbio cultural, comercial, etc.

Decerto que estamos longe de já ter feito tudo que é possível fazer para o desenvolvimento das nossas relações e que muito haverá que continuar a fazer.

Mas se isto é assim ao nível das relações entre os dois povos, a situação é muito pior ao nível dos Estados. Isto por culpa do Governo português, do actual como dos anteriores da AD, os quais envolvidos numa política reaccionária de liquidação das liberdades e das restantes conquistas da Abril no plano interno, e numa política de submissão vergonhosa aos círculos mais reaccionários do imperialismo americano no plano externo, não está interessado no desenvolvimento e fortalecimento das relações com um Estado de que esse mesmo imperialismo é um fidalgal inimigo.

O Governo da AD serve os desígnios belicistas de Reagan, no sentido de liquidar a revolução angolana. Só isso explica a protecção e a guarida dada am Portugal aos piores inimigos de Angola.

-COMO ENCARA A SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL E CONCRETAMENTE DAS FORÇAS SOCIAIS E POLÍTICAS PORTUGUESAS PARA COM A JOVEM REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA, VITIMA DAS AGRESSÕES MILITARES DOS RACISTAS SUL-AFRICANOS?

- As frequentes agressões militares da África do Sul contra a RPA, a pretexto de perseguir os guerrilheiros da Swapo, assim como todo o apoio que dá aos grupos fan toches e de mercenários, revelam o desespero em que se encontram os inimigos da independência e da liberdade do povo angolano e de todos os povos do mundo por um lado e são por outro, a expressão do seu ódio racista ao serviço do imperialismo e da exploração dos povos.

Os racistas da África do Sul, que reprimem ferozmente o povo deste país e da Namíbia, prendem, torturam, matam, massacram os melhores filhos do povo sul-africano em luta pela sua liberdade e independência, tentam com este acto de pirataria assim dificultar ou mesmo impedir a construção de uma pátria angolana próspera e feliz. É evidente que o não conseguirão impedir, mas dificultam e muito. Impoem pesados sacrifícios ao povo angolano espalhando a morte e a destruição e obrigam a um dispendio de novas energias, tempo e riqueza para construir o agora destruído. Estes crimes tiveram já a condenação de todas as forças progressistas e da maioria esmagadora dos países do mundo - incluindo Portugal - numa grande manifestação de repúdio.

Mas a condenação formal, sendo importante, nem sempre é suficiente para fazer recuar o agressor, sobretudo quando este tem a apoio-lo, como é o caso, o imperialismo norte-americano.

Como conciliar a condenação do Governo AD com a venda de material de guerra à África do Sul? Qual é a verdadeira política da AD? Onde está a essência da sua política? Cremos que o formalismo de uma condenação é bem mais tênue que a venda de armas aos racistas para estes as utilizarem ao serviço do seu regime de terror. Importantes sectores das forças sociais e políticas portuguesas que estão com Angola independente, democrática e progressista manifestaram-se já por formas diversas expressando a sua solidariedade à RPA e a sua condenação dos agressores racistas. Mas está-se longe de ter feito tudo o que é possível fazer neste sentido, mesmo ao nível da opinião pública.

Penso que é possível e necessário alargar muito mais o nosso campo de acção na denúncia dos agressores e ganhar para a sua condenação expressa mais largas camadas da população portuguesa.

SOLIDARIEDADE

DO POVO PORTUGUÊS PARA COM A **R P A**

A INVASÃO RACISTA E A CONDENAÇÃO INTERNACIONAL

A República Popular de Angola vive um momento particularmente difícil. É certo que os seus inimigos mais ferozes têm criado dificuldades contínuas desde a proclamação da independência, a 11 de Novembro de 1975. Haviam criado obstáculos mesmo a que o povo angolano alcançasse a sua independência e soberania, fosse senhor do seu futuro.

O imperialismo tem ainda inegável força e não cede facilmente, mesmo quando claramente derrotado, mesmo quando humilhado no aerópago internacional.

Em seis anos de independência a RPA enfrentou nova guerra de libertação nacional, viu-se invadida a norte e a sul, a braços com exércitos regulares e grupos de bandoleiros e mercenários assassinos. Foi alvo de constantes conspirações, sofreu a sangria de alguns dos seus melhores filhos e quadros, designadamente em 1977, com o fraccionismo. Enfrentou várias batalhas não só militares, mas também noutros campos, principalmente o da conquista da independência económica.

Em seis anos de independência viu a sua fronteira constantemente violada com as agressões racistas, sofreu massacres como os de Kifangongo e Cassinga. Os racistas de Pretória, procurando entravar o processo de desenvolvimento económico têm vindo a destruir fábricas, pontes, viaturas e escolas, no intuito de criar dificuldades às autoridades angolanas, cuja maior parte do Orçamento geral do Estado é, assim, forçosamente gasto na Defesa.

A questão da independência da Namíbia, devido à solidariedade firme e activa do povo angolano à SWAPO- vanguarda revolucionária reconhecida internacionalmente como a única organização representativa do povo do Sudoeste Africano,- é outro pretexto para as provocações racistas em território de Angola. O regime de Pretória tudo faz para obstar à aplicação da resolução 435 das Nações Unidas, para adiar o acesso à independência do povo da Namíbia que vê na RPA uma rectaguarda firme para o prosseguimento da sua justa luta.

A eleição de Reagan para a presidência dos EUA e a política agressiva do Pentágono, as tentativas até agora frustradas de alargamento da NATO ao Atlântico Sul como forma de intervenção descarada em países da África e da América Latina, tem encorajado o regime déspota de Pretória no endurecimento das provocações.

O "mau exemplo" da edificação duma sociedade socialista em Angola e a independência da Namíbia originam tremendas dores de cabeça aos senhores do "apartheid".

Em 23 de Agosto estes desencadeiam nova invasão no Sul de Angola, ocupam quatro províncias, destroem cidades, dizimam populações. Pretendem a chamada "terra de ninguém"(!), a "zona" ou "estado-tampão"! A condenação deste acto surgiu uníssona por toda a parte. Os próprios países do "Grupo de Contacto", pouco interessados na aplicação rápida e integral da resolução 435 da ONU, (países das multinacionais e transnacionais com interesses na região) deixaram de titubiar. O veto elucidativo e vergonhoso dos EUA no Conselho de Segurança impediu o aumentar de sanções ao regime racista. Países africanos propõem o abandono da RAS da Assembleia da ONU aquando da discussão da independência da Namíbia. O governo português votou lado dos imperialistas norte-americanos!

Mas os povos de todo o mundo, a opinião pública internacional, fizeram ecoar a sua solidariedade moral e política com o povo angolano, com a RPA, com o MPLA-Partido do Trabalho.

AJUDEMOS À RECONSTRUÇÃO DO SUL DE ANGOLA

SOLIDARIEDADE

MATERIAL COM A RPA

A APA recebe diariamente (dias úteis, das 18,30 às 21 horas na sua Sede, Rua das Portas de St. Antão, 117-2º, Lisboa,

ROUPAS, CALÇADO, MEDICAMENTOS, DONATIVOS EM DINHEIRO, CONSERVAS E ALIMENTOS EMBALADOS, TENDAS, MATERIAL DE 1ºs SOCORROS, MATERIAL ESCOLAR, MANTAS, BRINQUEDOS, ETC.

A SOLIDARIEDADE MATERIAL

Tais apoios, ainda que pesem verdadeiramente no seu contexto geral, mostram-se insuficientes. Angola e o seu povo precisam urgentemente de outro auxílio, da ajuda material internacionalista que permita uma melhor assistência aos desalojados e refugiados (mais de 130.000) e que contribua para a reconstrução do sul do seu território. A nossa Associação vinha já recolhendo roupas, calçado e medicamentos para os refugiados da Namíbia em território angolano. Com a invasão de 23 de Agosto, com a nova situação político-militar criada (que pode agravar-se com a decisão do Senado norte-americano em pôr cõbro à "emenda Clarck", incentivando as actividades criminosas da UNITA e o ressuscitar dos mercenários da FNLA), estudaram-se formas de ampliar tal solidariedade.

Foi assim que, primeiro com o apoio do Movimento Português contra o Apartheid e do Conselho Português para a Paz e Cooperação, depois com a adesão de inúmeras organizações democráticas e populares e de reconhecidas personalidades da nossa vida política, social e cultural, surgiu esta Campanha, cujo sucesso tem demonstrado de forma contundente os sentimentos de amizade e solidariedade do nosso povo para com a RPA.

Campanha cuja urgência evidente é desnecessário descrever nestas páginas! Campanha onde grandes volumes de roupas, calçado e medicamentos têm sido recolhidos. Onde se apela à doação de material escolar, tendas, mantas, conservas, brinquedos e artigos de primeiros socorros. Campanha onde o donativo em dinheiro poderá vir a contribuir para a compra duma ambulância ou outra qualquer necessidade do martirizado Povo Angolano.



Quaisquer donativos em dinheiro podem ser enviados por cheque ou vale de correio às sedes da Associação:

Lisboa : R. Portas de Stº Antão,
117-2º

Porto : R. do Paraíso, 217-3º

DONATIVOS EM

DINHEIRO

Nota : Existem Listas de Fundos para esta Campanha que poderão ser enviados a quem o solicitar pelo correio ou pelo telefone 369777 (em qualquer dia útil, das 18,30 às 21,00 horas).

A AGRESSÃO RACISTA

Só o emprego maciço de todo o seu potencial aéreo, aviões Mirage, Bucaneer e Impala, helicópteros Puma e Super-Frelom e o emprego de artilharia de longo alcance de 120 e 150mm tem permitido aos racistas sul-africanos permanecer no sul de Angola.

Com o control do espaço aéreo junto à fronteira, a aviação racista bombardeia objectivos civís e militares com napalm, bombas intoxicantes, bombas de 500 e 1000 libras e bombas de fragmentação e metralha a população civil que foge aos seus bombardeamentos assassinos.

Os resultados destes cobardes ataques, efectuados pelos racistas sul-africanos, com todo o apoio da Administração Reagan, estão bem patentes nos depoimentos prestados ao Jornal de Angola por angolanos que os testemunharam e que passamos a transcrever:

TESTEMUNHOS

JOAQUIM FONSECA: motorista do Comissariado Municipal do LUBANGO.

Dia 2 de Setembro, às 13 horas, enquanto saíamos dos nossos abrigos, depois de acabado o bombardeamento, encontramos um soldado que se dirigia rapidamente ao posto médico. Ele informou-nos que não longe de nós, tinha encontrado um homem à civil, ferido na cabeça, que necessitava de socorro médico.

Joaquim tinha uma profunda ferida na cabeça, mesmo acima do olho direito, feita por um estilhaço de bomba que um avião tinha lançado contra o seu camião.

Com o sangue a escorrer-lhe por toda a face, informou-nos que o seu companheiro de viagem morrerá porque os estilhaços penetraram-lhe no ventre e ele arrastou-se até à área militar de Cahama para pedir socorro médico.

De facto, Joaquim Fonseca Santiago, tendo sido surpreendido com o seu camião pelos aviões inimigos tentou entrar na mata com o mesmo para não ser alvejado, mas, na altura em que descia do camião o avião inimigo, frontalmente, lançou uma bomba de 250 libras que atingiu mortalmente o seu companheiro enquanto ele, que conseguiu atirar-se ao chão, foi atingido só na cabeça. Logicamente o camião ficou completamente danificado.

P- Tu, depois de ter cortado o caminho em direcção à Cahama, seguiste a estrada e ficaste na mata. Não reparaste se os aviões sul africanos metralharam alguma vez os populares que fugiram pela estrada?

R- Sim, costumavam metralhar.

P- Podes contar-me algum pormenor dos bombardeamentos feitos à cidade de Ondjiva?

R- Eles bombardearam muito, aliás lembro-me que aquelas casas que estavam perto da minha unidade foram todas queimadas. Muito povo foi bombardeado, muitos morreram lá perto da minha unidade e mesmo dentro das próprias casas que estavam a ser queimadas.

P- Quero que tu me expliques esse facto um pouco melhor, porque as bombas que queimam os locais onde rebentam são as bombas de "Napalm"

R- Sim, vou dizer-te. Após que uma dessas bombas explodia sobre uma casa a mesma queimava toda, é uma bomba que queima tudo, quando cai rebenta e logo queima tudo.

P- Para finalizar queria perguntar-te se na Cidade de Ondjiva havia elementos da SWAPO?

R- Não, não havia, os racistas atacaram mesmo as FAPLA, eles começaram a atacar a cidade e os quartéis das FAPLA e depois vieram contra nós. Em Ondjiva havia somente elementos das FAPLA, a SWAPO estava sempre longe, lá nas matas. Eles não estavam perto de nós.



Cahama: uma povoação totalmente arrasada pela aviação sul-africana

Testemunho de Antônio Francisco Chiuaha.

Antônio Francisco contou-nos como conseguiu fugir de Xangongo. Na noite do dia 25, saiu da cidade com a intenção de se juntar ao seu primo que morava numa pequena casa fora da vila, perto da estrada que vai para Cahama. Chegando a casa do primo, Antônio Francisco não encontrou ninguém. O curral dos bois estava escancarado, danificado e alguns desses animais mortos a tiro. Assim ele dirigiu-se para a mata.

Além de ter observado o que já relatamos, Antônio Francisco contou-nos que que, perto da localidade de Chipelongo, na manhã do dia 28, foi acordado por um grande barulho de Helicópteros que, quase um quilômetro donde se encontrava deitado, voavam em círculo fechado. Logo ouviu as metralhadoras a abrir fogo, seguidas de vários gritos. Apercebendo-se de que se tratava de um combate entre um grupo de FAPLA e os helicópteros sul-africanos, Antônio Francisco decidiu chegar mais perto, mesmo onde se ouviam os disparos.

Assim, contou-nos que, escondido debaixo de arbustos secos, a qu se 200 metros da posição que ocupava anteriormente, se encontravam quatro helicópteros parados e cerca de 40 comandos sul-africanos que estavam a abater com rajadas de metralhadora os 10 combatentes angolanos feridos no combate.

Depois os assassinos do exército de Pretória agarraram pelas costas os quatro sobreviventes feridos levemente e a dois deles espataram os punhais nos olhos, enquanto aos restantes dois cortaram os tendões das pernas com os machados que foram buscar aos helicópteros.

Vista aquela carnificina, Antônio Francisco Chiuaha fugiu para o interior da mata para não ser apanhado.

★★★★★★

TESTEMUNHOS

Invasão sul-africana de Angola “passou” por Portugal

* * *
EX-MERCENÁRIOS REVELAM AO "DIÁRIO DE LISBOA":

Na edição de 6 de Outubro passado do "Diário de Lisboa", sobre o título em destaque, uma pormenorizada reportagem abordava o velho problema dos mercenários recrutados em Portugal, com a missão de provocarem a destabilização na Pátria livre e independente da Rep. Popular de Angola.

Este problema, grave como é, tem sido vezes sem conta denunciado e nunca teve das autoridades portuguesas qualquer travão, ou mesmo que fosse uma simples ou formal condenação:

Não nos esqueçamos que representantes dos partidos da coligação governamental, têm tido contactos com os traidores fantoches da UNITA, e falam da UNITA como se de um movimento representativo se tratasse. Bastaria lembrar que foi a UNITA durante o regime colonial fascista o aliado da polícia política fascista a Pide e neste momento não é mais do que grupelho de bandoleiros vegetando à sombra do mais odioso dos regimes, o regime racista e de apartheid da África do Sul.

Vamos transcrever algumas das mais significativas passagens da reportagem.

DECLARAÇÕES DE UM EX-MERCENÁRIO

"Há vários meses que se esperava esta invasão" conta ao D.L. um ex-mercenário que durante muito tempo combateu contra as FAPLA na fronteira com a Namíbia e que por razões óbvias, mantém o anonimato.

"O ataque não é para destruir as bases da SWAPO, mas sim para limpar aquela região das FAPLA, para terem terreno limpo para a UNITA e para a FNLA."

"O objectivo de Pretória é ver instalado em Angola um governo tipo MUZOREWA, como o que existia na Rodésia antes da vitória de Mugabe."

"Esta opinião era várias vezes expressa pelo General Forsenberg."

Quanto aos recrutamentos fala assim o ex-mercenário :

"Os recrutamentos são feitos de uma forma quase descarada quer aqui em Lisboa, quer no Porto ou em Braga."

"Tudo se faz sem quaisquer problemas, desde os contactos iniciais até à falsificação dos documentos e à saída pelas fronteiras." Nestas facilidades conta a organização com funcionários do próprio aparelho de Estado."

MIRN, CHIPENDA E FRATERNA

O trabalho de recrutamento tem sido desenvolvido através de estruturas próximas do MIRN, de elementos do "esquadrão Chipenda" e da Frente de Ressurgimento Nacional (FRATERNA) com sede em Lisboa.

Onde e como se fazem os contactos preliminares dos recrutados? É simples: basta ir a determinados estabelecimentos públicos, cafés e restaurantes, levar a indicação de um amigo, falar com recrutador e discutir o negócio. Assim tem acontecido em pastelarias, cafés, restaurantes de Lisboa, Tomar, Porto, Valença, Braga e Chaves.

MERCENÁRIOS (CONT.)

SALÁRIOS DE 700 a 3.000 DÓLARES

Os salários dos mercenários oscilam entre os 700 e os 3.000 dólares por mês, conforme a categoria para que são contratados.

Depois de contratados são-lhes arranjados os documentos falsos, tarefa que é "facilitada" por alguns advogados de Lisboa, Porto e Braga existentes na organização.

Quando tudo está "legal" os recrutados são lançados para os campos de treino existentes na Corunha (Espanha), em Marrocos e na África do Sul, país a que todos se destinam antes de serem enviados em missão de combate contra Angola ou contra Moçambique também.

No itinerário dos mercenários recrutados, Madrid e Vigo são dois pontos importantes, não só pelos portugueses que aqui actuam, mas também pelas ligações existentes com os ultras espanhóis, designadamente elementos da "Fuerza Nueva".

Em Vigo, por exemplo, o português Daniel Teixeira, é considerado um dos apoios importantes da organização. Tem participado em várias reuniões com Daniel Chipenda, dentro e fora de Portugal.

Na Galiza, os contactos dos mercenários portugueses com a extrema direita espanhola interessada também nos recrutamentos (para além de armamento) são feitos sobretudo nos bares "Puertu Pallares" Vigo, "Angelita" e na "cafetaria Kikko's".

FACILIDADES FRONTEIRIÇAS

Antes porém de chegarem à Galiza há uma operação importante que é a passagem na fronteira. Para isso, a de Valença é a mais segura.

Na fronteira de Chaves as facilidades são menores, mas, um elemento considerado activo da organização movimenta-se nela com a vontade. Outras zonas escolhidas para a saída dos mercenários do país são a fronteira de Vilar Formoso, para Madrid, e o Algarve para Marrocos, onde existem centros de treino.

Recorda-se que no ano passado foi precisamente em Marrocos que Jonas Savimbi deu uma série de entrevistas a jornais portugueses e recebeu dirigentes políticos.

Em Madrid, antigos oficiais portugueses são o suporte da organização. Capitão Raimundo, tenentes Rigas e Bastos, Raul Cunha, são alguns dos nomes referidos. Aqui os mercenários contam também com a colaboração de Mariano Sanchez "guerrilheiro de Cristo Rei".

TREINOS DE TRÊS MESES NA ÁFRICA DO SUL

Idos de Madrid, Paris ou Marrocos os mercenários portugueses são treinados na África do Sul juntamente com outros mercenários, suíços, franceses, belgas e ingleses.

Os treinos são da ordem dos três meses e efectua-se sobretudo no "deserto dos Rangers", numa região que está logo a seguir à Ponta de Ouro, junto à fronteira com Moçambique, e ainda no deserto de Kalawi. São-lhes ministrados conhecimentos teóricos e práticos sobre minas e armadilhas, tiro, resistência no mato, detecção de postos avançados, etc. Como responsável principal pelo recrutamento dos mercenários é apontado o general Forsenberg. Ligado à "Boss", polícia secreta com quartel general em Pretória, Forsenberg tem contactado directamente com mercenários portugueses.

Depois de devidamente treinados -"treinos duros, de comandos especiais"- os mercenários são lançados em patrulhas, normalmente integrados por elementos do exército sul-africano, para as zonas de combate. Para simples ataques fronteiriços ou para grandes ofensivas como a que foi desencadeada em 23 de Agosto e que todo o mundo tem condenado.

AJUDEMOS À RECONSTRUÇÃO DO SUL DE ANGOLA



Para conhecer **ANGOLA** de hoje

Distribuição em Portugal
CDL - Central Distribuidora Livreira
Av. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 LISBOA

Nome _____

Morada _____ Localidade _____

Requisito
— Exº - Angola na reconstrução nacional 300\$00 cada



TAAAG

ASAS DE ANGOLA RUMO AO PROGRESSO